

Permanências medievais nos primeiros olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI e XVII)

*Carmen Lícia Palazzo**

Abstract

The French travelers who came to Brazil in the 16th and 17th centuries left written records in which it is possible to detect important continuities from medieval thought. An analysis of André Thevet's, Jean de Léry's and Claude d'Abbeville's texts illustrate the continuity of an imagination which cannot be classified as modern.

Keywords: French travelers; Brazil; imagination; medieval continuities

Resumo

Os viajantes franceses que vieram ao Brasil nos séculos XVI e XVII deixaram relatos escritos nos quais é possível detectar permanências importantes da mentalidade medieval. Uma análise dos textos de André Thevet, Jean de Léry e Claude d'Abbeville evidencia a continuidade de um imaginário que dificilmente poderia ser classificado como moderno.

Palavras-chave: Viajantes franceses; Brasil; imaginário; permanências medievais.

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa mais ampla que resultou em uma tese de doutorado sobre as visões francesas do Brasil analisadas na longa duração, do século XVI ao XVIII.¹ Os viajantes, no decorrer destes três séculos, deixaram relatos nos quais é possível observar olhares que foram se transformando não necessariamente de acordo com os cortes crono-

* Doutora pela UnB, professora no Departamento de História do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

¹ PALAZZO DE ALMEIDA, C. L. Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). Tese de doutorado. Departamento de História, Universidade de Brasília, UnB.

lógicos da historiografia tradicional – sobretudo não com a conhecida divisão que se refere ao século XVI já como Idade Moderna. A análise permitiu detectar permanências importantes no universo mental dos viajantes franceses, permanências estas que se mantêm até quase o final do século XVII. Só a partir do século XVIII é que se verifica então uma efetiva mudança de discurso, evidenciando transformações significativas no imaginário francês, rompendo com a visão medieval do mundo.

A presença de mitos e utopias no imaginário medieval

Na conhecida definição de Mircea Eliade, o mito, reportando-se ao sagrado e ao tempo primordial, é uma história verdadeira que narra algum tipo de realidade.² Nas sociedades a que ele chama “arcaicas ou tradicionais”, o mito permanece vivo e se distingue de outros relatos tais como os contos, que não são “considerados” verdadeiros. Pierre Brunel, porém, estuda os mitos literários, junto com diversos especialistas, e dá maior abertura para a análise de textos que retomam imagens míticas e que não precisam, necessariamente, ser de caráter religioso.³

Hilário Franco Jr. alerta para o fato de que:

(...) estudar o universo mitológico da Idade Média não é um exercício gratuito de modernidade historiográfica. É um caminho fundamental para se entender em profundidade a sociedade medieval e, portanto, as origens da civilização ocidental.⁴

Na medida em que se acredita que as mentalidades de uma sociedade são, entre outros aspectos, influenciadas também pela herança mítica que lhes é comum, pode-se examinar, então, as suas produções, procurando detectar aquelas nas quais o material mitológico é preponderante. As utopias fazem parte também deste imaginário que constrói cenários de perfeição e de fuga e, embora o termo utopia não fosse utilizado pelos homens e pelas mulheres da Idade Média, a sua presença ali estava nas elaborações coletivas que se originavam dos desejos mais fortes e mais prementes daquelas sociedades.

Ao analisar magistralmente o *fabliau* da Cocanha, Franco Jr. afirma:

² ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 128.

³ BRUNEL, P. (org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. xvii.

⁴ FRANCO JR., H. *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 20.

(...) se inevitavelmente o mito situa a perfeição social no passado, esta também encontra-se contida no futuro, devido à concepção cíclica do tempo, típica do pensamento mítico. Assim, não nos parece adequado relacionar os mitos essencialmente a eventos passados, e sim a eventos que são sobretudo exemplares, arquetípicos, sempre contemporâneos.⁵

No que diz respeito à conceituação, o mesmo autor alerta também para os limites "morediços" entre mito e utopia, lembrando que o fundamental é ter presente que "toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários."⁶

No conjunto do imaginário medieval, um espaço importante foi ocupado pelo desejo de fartura, desejo este motivado por uma série de carências e sempre renovado nos períodos mais críticos, estendendo-se para além do século xv. As utopias que se reportavam ao desejo de fartura atualizaram e reestruturaram vários mitos nos quais a alimentação exercia um papel preponderante. Reação contra uma penúria que, se não era permanente, reaparecia porém com certa frequência, a utopia da abundância estava presente em diversos relatos e o mais significativo deles e de mais longo alcance foi provavelmente o já citado fabliau da Cocanha,⁷ evocado também nos primeiros olhares europeus sobre o Brasil.

As datações mais difundidas para estabelecer o final da Idade Média costumam ser as que consideram a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, ou a chegada de Colombo na América, em 1492.⁸ Porém, seja qual for o critério, em geral de ordem didática, para marcar o início do que se convencionou chamar Idade Moderna, no que diz respeito às mentalidades o que ocorre é muito mais uma continuidade do que uma ruptura. Concordamos plenamente com a seguinte afirmação de Jacques Le Goff:

O passado respinga, sem dúvida, quando pretendemos sujeitá-lo e domá-lo com periodizações. Certas divisões são contudo, mais destituídas de fundamento que outras para assinalar a mudança. Aquela a que se deu o nome de Renascimento não me parece pertinente.⁹

D. Henrique, o Navegador, e Pedro Álvares Cabral eram cavaleiros da Ordem de Cristo, cuja sede, à época do descobrimento do

⁵ FRANCO JR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 21

⁶ *Ibidem*, p. 17.

⁷ Para Hilário Franco Jr., "(...) onde, contudo, se revelava mais claramente a utopia da Fartura, era num conjunto de quatro mitos e lendas que estava dentre os mais populares da Idade Média." *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 33. O autor segue descrevendo os mitos do Graal, como a lenda do Rei Artur, o de Preste João, a ilha de São Brandão e o país de Cocanha (p. 33-49).

⁸ Ver, sobre a modernidade e as permanências medievais, WILCOX-WALK, L. *La herencia medieval del Brasil*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

⁹ LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 21

Brasil, estava no castelo de Tomar, em Portugal. Cristóvão Colombo, profundamente religioso, evocava a idéia de Cruzada e se acreditava um propagador da fé. Sem dúvida, há fatores econômicos e políticos fundamentais impulsionando as chamadas Grandes Navegações da Idade Moderna e, em conseqüência, levando aos descobrimentos da América e do Brasil; há também todo um contexto europeu e uma especificidade ibérica que permitem a Portugal e Espanha sair na frente para encontrar "novas" terras. Mas não são novas as mentalidades da maioria dos europeus que embarcaram para as aventuras do Renascimento.

André Thevet, cosmógrafo do rei

A França demonstrou muito cedo seu interesse pelo Brasil, não a partir de um projeto coerente de expansionismo – já que o cenário político interno apresentava-se por demais conturbado – mas por meio de incursões freqüentes com objetivo de comércio. A viagem de Binot Paulmier de Gonneville, capitão normando que partiu de Honfleur em junho de 1503 tendo chegado à costa brasileira em janeiro de 1504, enquadrava-se perfeitamente neste contexto.¹⁰

Em 1555, a fundação da França Antártica por Villegagnon representou não apenas o desejo de conquista territorial e a possibilidade de apoio ao comércio francês, mas também a esperança, para os huguenotes, de encontrar uma terra nova, onde fosse viável professar e expandir a sua fé. A aventura foi breve mas dela se originaram duas obras que marcaram profundamente o imaginário europeu: *As singularidades da França Antártica de André Thevet* e a *História de uma viagem feita à terra do Brasil de Jean de Léry*.¹¹

O franciscano André Thevet demonstrou sempre em suas atividades um acentuado interesse por viagens. Sua qualificação em termos de conhecimentos geográficos e provavelmente sua curiosidade por terras distantes, associadas a bons relacionamentos no ambiente clerical dominante,¹² foram elementos que, conjugados, permitiram que integrasse a expedição de Villegagnon, na qualidade de capelão.

¹⁰ Ver PERRONE-MOISÉS, L. *Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, especialmente da p. 15 à p. 31, onde se encontra a tradução da "Relação da viagem do capitão de Gonneville às novas terras das Índias".

¹¹ A primeira edição do relato de André Thevet data de 1557 e a de Jean de Léry, de 1578: Thevet, A. *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique & de plusieurs terres & isles decouvertes*. Paris: Héritiers de M. de la Porte, 1557; Léry, J. de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite de l'Amerique*. Genebra: Antoine Chuppin, 1578. Ambas as obras foram traduzidas para diversos idiomas ainda no século XVI.

¹² É importante lembrar que as *Singularidades* [...] se iniciam com uma longa dedicatória ao Cardeal de Sens. Thevet, A. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo / Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 33 e 34. Para maiores dados biográficos sobre Thevet, ver Julien, Ch.-A. "Introduction" In Thevet, A. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle. Le Brésil et les Brésiliens (Cosmographie Universelle)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1953 (edição fac-similar), p. V-VIII.

Mais adiante, de regresso à França, foi nomeado cosmógrafo da Corte dos Valois.

O Brasil aparece, na obra de Thevet, de forma significativa não apenas em *Singularidades [...]* mas também na *Cosmografia Universal*, editada pela primeira vez em 1575 e nos *Retratos Verdadeiros*, de 1584,¹³ livro no qual está presente Quoniambec, chefe guerreiro dos Tamoios, integrando uma galeria de figuras ilustres. A parte inicial de *Singularidades [...]* descreve todo o caminho percorrido pela expedição de Villegagnon, incluindo diversos comentários sobre a África. Thevet não titubeia em acrescentar “dragões” aos animais que enumera como sendo encontrados na altura da Mauritània:

(...) em algumas partes, porém, taes lugares são quasi como uns desertos, quer devido ao seu excessivo calor, que constringe os povos a andar seminus, (...) quer por motivo da esterilidade dos campos arenosos. Outra razão da existência de desertos é o número dos animaes ferozes, – os leões, os tigres, os dragões, os leopardos, os búfalos, as hyenas, as panteras e tantos outros. Receosos desses animaes, as gentes do país vão aos seus negocios sempre aos grupos, armados de arcos, flechas (...)’¹⁴

Thevet inicia sua descrição do Brasil com o desembarque em Cabo Frio,¹⁵ já então deslumbrado com a fartura. Sobre os peixes, escreve:

Os bargos e os muges são realmente tantos que, quando estive no Cabo Frio, vi um selvagem pescar mais de mil delles, com um laço só de rede (...)’¹⁶

O século XVI trazia em seu bojo uma forte herança da mentalidade medieval, que acreditava ser possível, algum dia, encontrar o País de Cocanha, cuja principal característica era justamente a fartura da alimentação, obtida sem esforço, na total ociosidade. Jacques Le Goff destaca que este mito se constitui numa criação totalmente característica da Idade Média e representa o “mundo às avessas”, “um mundo ao contrário”,¹⁷ no qual será possível compensar as carências da realidade. A busca da abundância, o sonho da fartura e o desejo de uma vida menos trabalhosa faziam parte também da bagagem da-

¹³ THEVET, A. *La Cosmographie universelle d'André Thevet cosmographe du Roy. Illustree de diverses figures de choses plus remarquables veuës par l'auteur, & Incogneuës de noz Anciens et Modernes*. Paris: Pierre L'Huillier et Guillaume Chaudière, 1575. THEVET, A. *Les Vrais Pourtraicts & Vies de Hommes illustres Grecz, Latins & Payens, recueuilliz de leurs tableaux, livres, medalles antiques & modernes. Par André Thevet Angoumoisyn, Premier Cosmographe du Roy*. Paris: Veuve Jacques Kerver et Guillaume Chaudière, 1584.

¹⁴ THEVET, A. *Singularidades da França Antarctica*, op. cit., p. 63.

¹⁵ Ver *ibidem*, p. 62-65.

¹⁶ *Ibidem*, p. 157.

¹⁷ LE GOFF, J., op. cit., p. 51

queles que partiam para o Novo Mundo, na esperança de encontrar um lugar no qual os homens estivessem livres da dura labuta nos campos, atividade essencial à sobrevivência dos europeus.

Thevet, seguindo com a expedição de Villegagnon do Cabo Frio até a baía de Guanabara, na qual será instalada a França Antártica, continua maravilhado com:

*(...) peixes, abundantes, de delicado gosto.¹⁸
(...) abundância de arraias, mas de espécie diferente das nossas, isto é, duas vezes maiores em largura e em comprimento.¹⁹*

Mais adiante, escreve, chamando atenção para o fato de que é possível colher sem plantar e portanto sem trabalhar:

Quanto às suas terras, é a América fertilíssima em árvores de excelentes fructos. Produzem os campos sem lavoura, nem semeaduras.²⁰

Semelhante, pois, ao *fabliau* da Cocanha, que revela um lugar no qual:

*(...) Sem oposição e sem proibição
Cada um pega tudo o que seu coração deseja.
Uns peixe, outros carne;
(...)
Basta pegar a seu bel-prazer.²¹*

Tal como o índio de Thevet que, atirando uma só vez a rede, havia pescado mais de mil barchans... O olhar de André Thevet sobre a fauna brasileira reflete não apenas a admiração pela quantidade e diversidade de animais desconhecidos para os europeus – e isto especialmente em relação às aves²² –, mas também a possibilidade de apresentar aos seus leitores o pouco verossímil *haüt* (bicho-preguiça), que sobreviveria alimentando-se apenas de vento:

O animal de que falo é, em poucas palavras, tão disforme quanto seria possível crer ou imaginar. Chamam-lhe de *haüt* ou *haüthi*.²³
Outra coisa digna de memória é que ninguém já mais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens, conforme me afirmaram, o tenham tido sob observação por longo tempo.²⁴

¹⁸ THEVET, A. *Singularidades da França Antártica*, op. cit., p. 169.

¹⁹ *Ibidem*, p. 170.

²⁰ *Ibidem*, p. 175.

²¹ "Fabliau da Cocanha." Apud FRANCO JR., H. *Cocanha* [...], op. cit., p.29

²² Ver THEVET, A. *Singularidades da França Antártica*, op. cit., p. 291-296.

²³ *Ibidem*, p. 307.

²⁴ *Ibidem*, p. 308.

²⁵ *Ibidem*, p. 308.

Em seguida, Thevet procura confirmar que efetivamente o haüt não precisa se alimentar e relata que, tendo sido presenteado com um deles, observou:

*(...) que esta não quis comer ou beber por espaço de vinte e seis dias, permanecendo sempre no mesmo estado, quando afinal, foi estrangulada por alguns dos nossos cães (...)*²⁵

Seres como os dragões ou mesmo como o haüt, que segundo Thevet viveria de vento, não se constituíam em algo totalmente absurdo para uma Europa que tinha ainda na memória os estranhos animais dos bestiários, muitos deles presentes, aliás, nas esculturas de suas catedrais.²⁶ Em um trecho de seu relato no qual se refere ao fato dos índios depilarem seus corpos, Thevet divaga acerca da possibilidade de ocorrer, em qualquer parte do mundo e na América inclusive, o nascimento de alguma criança peluda.²⁷ A partir deste comentário, afirma já ter visto, na Normandia, uma pessoa coberta de escamas, acrescentando que

*(...) existem certos monstros de forma humana. Os satyros, por exemplo, que habitam os bosques e são peludos como os animais ferozes. (...) ainda se encontram na Africa certos monstros disformes.*²⁸

Na *Cosmografia Universal*, o Brasil ocupava também um lugar privilegiado. Se nas *Singularidades* [...] não havia referência direta ao quadro político da França Antártica, na *Cosmografia* o autor se detinha nos acontecimentos ocorridos após sua partida e que culminaram com a queda daquela colônia francesa.²⁹ Sobre os graves incidentes entre católicos e protestantes, cujo ponto de partida foi uma sublevação contra Villegagnon, Thevet insiste no que ele considera uma "traição" por parte dos protestantes que estariam, em seu entender, planejando um complô contra os católicos na colônia. Suzanne Lussagnet, porém, em uma das notas explicativas da edição fac-similar da *Cosmographie* [...], esclarece, sobre os enfrentamentos ocorridos entre católicos e protestantes na França Antártica:

²⁶Também no caso de relatos portugueses do século XVI é notória a presença do fantástico. Fernão Cardim, entre 1583 e 1601, descreveu a existência de monstros marinhos, dando crédito a relatos indígenas, sem contestá-los, detalhando-os de forma muito clara e bem estruturada. CARDIM, F. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos, 1997, p. 140-141. Sobre os relatos de viajantes ibéricos e a herança de componentes medievais, ver a obra de WECKMANN, L., *op. cit.*, p. 55-80. Sobre as esculturas das Catedrais medievais, ver DUBY, G. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Estampa, 1993.

²⁷THEVET, A., *Singularidades da França Antártica*, *op. cit.*, p. 192.

²⁸*Ibidem*, p. 193.

²⁹THEVET, A. La *Cosmographie Universelle*, edição fac-similar de: Thevet, A. *La Cosmographie Universelle d'André Thevet cosmographe du Roy In Les Français en Amérique*, *op. cit.*, p. 11-15.

Os diversos acontecimentos ocorridos na Ilha dos Franceses, a partir de fevereiro de 1556, só foram sabidos por Thevet através de ouvir dizer.³⁰

O que fica evidente é a transformação, em meados do século XVI, do contexto das relações entre católicos e protestantes na França. Quando Thevet esteve no Brasil, entre o final de 1555 e o início de 1556, era ainda possível um espaço para a tolerância, e as próprias relações de Villegagnon com Calvino autorizavam a expectativa de uma convivência pacífica entre as duas religiões cristãs. Mas logo em seguida, em março de 1562, teve início a primeira guerra de religião na França e os trágicos enfrentamentos sucederam-se até 1589, estando a redação e a publicação da *Cosmografia Universal* inseridas neste período convulsionado pela intolerância.³¹

Frank Lestringant, analisando a obra de Thevet, escreve que ao escolher o paradigma cosmográfico, este autor estaria dando as costas ao período medieval, recuperando um modelo da Antiguidade, renovado pelo Renascimento, modelo este que supõe uma visão global do mundo. No entanto, uma leitura detalhada da obra de Thevet deixa evidente que não há, de modo algum, rompimento com a mentalidade medieval. O próprio Lestringant se contradiz e aponta, no mesmo livro, inúmeros traços do maravilhoso tanto nas *Singularidades [...] quanto na Cosmografia Universal.*³²

Com relação a uma efetiva filiação de Thevet a autores da Antiguidade, muitas vezes citados em seus relatos, Lestringant mesmo alerta para a fragilidade dessa base, já que Thevet demonstra apenas um "conhecimento superficial" dos Antigos, lendo-os "através de compilações da Antiguidade tardia, de Pomponio Mela a Solino".³³ Procurar o apoio e a justificativa de certas afirmações também através do recurso da citação ou da simples referência à Bíblia é, sem dúvida, um hábito freqüente nos escritos medievais, e muito presente no texto de Thevet. Jacques Le Goff lembra que, no decorrer de toda a Idade Média, há uma busca da autoridade na Bíblia, de "correspondentes bíblicos" que se encaixem nas mais diversas situações.³⁴

O cosmógrafo descreve o mundo. No caso de Thevet, e de meados do século XVI, o mundo ampliado pelas grandes navegações. Mas como não considerar quem o descreve e quem parte nas expedições que se lançam às descobertas e à colonização? São eles os europeus ainda influenciados por atitudes medievais. Luís Weckmann³⁵, embora

³⁰ LUSSAGNET, S. Nota n.º 3 In *ibidem*, p. 12.

³¹ É importante ter presente que a primeira edição da *Cosmografia [...]*, como já foi referido, data de 1575.

³² LESTRINGANT, F. *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*. Paris: Albin Michel, 1991, p. 53.

³³ *Ibidem*, p. 27.

³⁴ LE GOFF, J. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, s/d., p. 106.

³⁵ Ver WECKMANN, L. *op. cit.*

partindo de outro tipo de pesquisa, conclui como Le Goff no sentido de afirmar a existência de uma longa Idade Média, o que, de certa forma, dá suporte para uma análise que enquadre os textos dos viajantes do século XVI e meados do século XVII na mentalidade medieval.

Jean de Léry, a visão de um protestante

A França Antártica, administrada com mão de ferro por Villegagnon, foi inicialmente um local privilegiado para a convivência entre católicos e protestantes. Embora cavaleiro de Malta, o vice-almirante da Bretanha apresentava-se inicialmente tolerante com os huguenotes, chegando a manter relações de amizade com Calvino, que lhe forneceria um contingente de colonos para povoar a terra conquistada.³⁶ Jean de Léry viajou para o Brasil como integrante de um grupo enviado justamente pelo líder genebrino em 1558. No decorrer daquele ano, porém, as disputas entre católicos e protestantes na França Antártica tornaram-se muito violentas, culminando com a impossibilidade de uma convivência pacífica, o que levou Léry e seus companheiros a deixarem a ilha, passando a viver junto aos indígenas, durante dois meses, até a chegada de um navio que os conduziu de volta à Europa.

Ao contrário de Thevet, que publicou as *Singularidades [...] em 1557*, logo após, portanto, o seu retorno da França Antártica, a *Viajem à Terra do Brasil* de Léry só veio à luz em 1578, já que seu autor, não sendo cartógrafo nem cosmógrafo, estudando teologia e preparando-se para se tornar pastor, não tinha como prioridade editar o seu relato.

Ao que tudo indica, foi o acirramento das lutas entre protestantes e católicos³⁷ e a sua indignação com diversas afirmações de Thevet, principalmente na *Cosmografia Universal*, publicada em 1575, que levam Léry, após várias peripécias de perda do manuscrito iniciado em 1563, a reescrevê-lo, e publicá-lo pela primeira vez em 1577, dezenove anos, portanto, após o seu retorno do Brasil.³⁸ É importante,

³⁶ A historiografia discute acerca da tolerância inicial de Villegagnon para com os protestantes, atribuindo-lhe ora uma eventual simpatia em relação à religião reformada, ora um comportamento oportunista que mudava de acordo com a maior ou menor força política do grupo católico dos Guise junto à monarquia francesa. Ver GAFFAREL, P. Notícia bibliográfica In LÉRY, J. de, *op. cit.*, p. 12-13. Sobre Villegagnon e a França Antártica ver também VALUCHERET, E. *Jean Nicot et l'entreprise de Villegagnon*. Paris: Vris, 1968; LESTRINGANT, F. *Le Huguenot et le Sauvage. L'Amérique et la controverse coloniale en France au temps des guerres de religion (1555-1589)*. Paris: Aux Amateurs de Livres, 1990; CARELLI, M. *Cultures croisées*. Paris: Nathan, 1993, em especial da p. 30 à p. 35; VARNHAGEN, F. A. *História Geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*, tomo I. São Paulo: Melhoramentos, 1956, p. 106-116.

³⁷ Entre 1562 e 1598 ocorrem na França oito guerras de religião e inúmeros massacres, entre eles o da noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572.

³⁸ MORISOT, J.-C. Introduction In LÉRY, J. de, *op. cit.*, p. VII-IX. [Todas as traduções de Léry, bem como de outros autores aqui citados com a referência bibliográfica original, são da autora do artigo.]

pois, ter presente o fato de que a *Viagem [...] de Jean de Léry* responde à *Cosmografia Universal* e às *Singularidades [...] de Thevet*. A leitura que Léry faz de Thevet é, sem dúvida, influenciada por sua posição de reformado,³⁹ e as críticas do franciscano aos calvinistas, tidos por este como responsáveis pelo insucesso da França Antártica, vão atingir diretamente o autor da *Viagem [...] de Jean de Léry*. Cada vez, portanto, que Léry, em seu relato, contesta uma afirmação de Thevet, ele o faz de maneira contundente, procurando deixar o “cosmógrafo do rei” em situação desconfortável. Acusa-o, inclusive, de “mentir cosmograficamente”.⁴⁰

No entanto, independentemente da polêmica que envolveu os dois viajantes, a visão do Brasil que Léry deixou registrada em seus relatos foi sem dúvida influenciada pelas informações de Thevet. Sua descrição do bicho-preguiça está muito próxima da que se encontra nas páginas de *Singularidades [...] de Thevet* e da *Cosmografia Universal*:

Mas (coisa que parecerá realmente fabulosa) (...) que jamais homem, nem no campo, nem em casa, tenha visto este animal comer: tanto que alguns estimam que ele viva de vento.⁴¹

Léry também participa da mentalidade da época, que aceita o fantástico e espera encontrá-lo nas novas terras. Sua descrição da anta é a de um animal estranho, uma “semi-vaca” ou “semi-asno”.⁴² Preocupa-se em detectar o envolvimento de forças do mal junto aos índios e escreve:

É preciso notar que estas pobres gentes em sua vida são também a tal ponto afligidas deste espírito maligno (...) que como vi diversas vezes, da mesma forma que eles nos diziam, sentindo-se atormentados, e gritando de repente como que enraivecidos, diziam, Ai defendei-nos de Aygnan que nos espanca: outras vezes diziam que o viam claramente, ora como um animal ou pássaro (...)⁴³

Referindo-se à fauna marinha, Léry não endossava totalmente mas não descartava a possibilidade da existência de monstros com forma humana. Relatando o que lhe haviam contado os índios, descreve com detalhes:

(...) numa de suas barcas de casca de árvore bastante avançada no mar, surgiu um grande peixe, o qual, tomando-a pela borda

³⁹ Roger Chartier alerta para a questão das “[...] apropriações plurais, móveis, dos leitores que concedem aos discursos usos e compreensões que lhes são particulares.” CHARTIER, R. *Au bord de la falaise*. Paris: Albin Michel, 1998, p. 130. No caso, o leitor protestante e o discurso católico se afrontam como distintas “comunidades de interpretação”. *Ibidem*, p. 272.

⁴⁰ LÉRY, J. de, *op. cit.*, p. 30.

⁴¹ *Ibidem*, p. 146.

⁴² *Ibidem*, p. 123.

⁴³ *Ibidem*, p. 234.

*com as garras, em sua opinião, procurando virá-la ou meter-se dentro. Vendo isto, dizia, eu lhe cortei de pronto a mão com uma foice, a qual caiu e permaneceu em nossa embarcação, não apenas vimos que ela tinha cinco dedos, como a de um homem, mas também a dor que sentiu este peixe, mostrando, fora d'água, uma cabeça que tinha aproximadamente forma humana, ele soltou um pequeno grito. Sobre este relato, bastante estranho deste americano, eu deixo o leitor a filosofar (...)*⁴⁴

O texto demonstra com bastante clareza a presença do maravilhoso medieval também no discurso de um protestante. Não seria a condição de reformado que excluiria Léry das mentalidades de sua época, fortemente impregnadas pelo fantástico. E isto, ainda que os calvinistas tenham pretendido – ao menos teoricamente – representar a sobriedade contra um catolicismo que apelava com frequência ao “exuberante”.

Le Goff esclarece que o cristianismo procura “enquadrar” o maravilhoso no decorrer da Idade Média através do “sobrenatural” e da apresentação dos milagres, o que não impede, no entanto, que este continue a se desenvolver em níveis aceitos e até mesmo recuperados pela cultura erudita.⁴⁵ Georges Duby, descrevendo o trabalho dos artistas que se ocuparam das catedrais medievais, destacou que estes levaram para a decoração das igrejas seres fantásticos do Oriente, criaturas aladas e sereias,⁴⁶ incorporando-os ao universo cristão. As esculturas românicas e góticas permaneceram muito além da Idade Média, e continuaram a representar um referencial de imagens para todos aqueles que encontravam na religiosidade um meio de exorcizar suas tensões e seus medos. Mitos, lendas e relatos bíblicos associaram-se repetidamente na arquitetura e foram recuperados também pelos relatos de viajantes, independentemente de serem estes católicos ou protestantes.

Se Thevet afirmava que existiam dragões na África, Léry, por seu lado, descrevia um lagarto brasileiro como um animal monstruoso, muito próximo às imagens dos bestiários medievais:

(...) vendo sobre a encosta um lagarto muito maior que o corpo de um homem, e longo de seis a sete pés, o qual parecia coberto de escamas esbranquiçadas, ásperas e rugosas como conchas de ostras, uma das patas à frente, a cabeça erguida e os olhos cintilantes, parou imediatamente para nos observar. Vendo isto e não tendo nenhum de nossos arcabuzes nem pistolas, mas somente nossas espadas e, ao modo dos selvagens, cada um arco e flechas na mão (...) temendo também se fugíssemos que ele corresse mais que nós, e que tendo-nos alcançado ele nos

⁴⁴ *Ibidem*, p. 169-170.

⁴⁵ LE GOFF, J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 32.

⁴⁶ DUBY, G., *op. cit.*, p. 278.

abocanhasse e devorasse: muito espantados que ficamos olhando-nos, permanecemos assim embasbacados no lugar. Assim após que esse monstruoso e temível lagarto abrindo a boca, e por causa do grande calor que fazia (...) respirando tão forte que o ouvíamos facilmente, nos tivesse contemplado por perto de um quarto de hora, virando-se de repente, e fazendo maior barulho e estalido de folhas e de ramos por onde passava, que um cervo correndo numa floresta, fugiu pelo monte. (...) Pensei depois, seguindo a opinião dos que dizem que o lagarto se deleita à vista do rosto humano, que esse deve ter tido mais prazer em nos contemplar que tivéramos pavor em contemplá-lo.⁴⁷

A crença em animais aparentados a dragões, lagartos monstruosos e serpentes com poderes estranhos é, como já foi referido, uma característica do imaginário medieval. Le Goff cita-os no que denomina um "*corpus de mirabilia*",⁴⁸ deixando claro, ainda, que existe, na Idade Média, uma certa naturalidade na maneira de aceitar o maravilhoso. Os relatos circulavam e os enredos estavam por assim dizer inseridos nas ações do dia-a-dia. Seres estranhos surgiam sem alarde, integrados ao mundo real. O fabuloso e o cotidiano não estavam separados de forma intransponível.

Fica, portanto, evidente que a credibilidade de relatos de viagens no século XVI, eivados de referências ao maravilhoso, devia-se à permanência da mentalidade medieval – mentalidade esta que havia abrigado "a irrupção do maravilhoso na cultura erudita".⁴⁹

O relato de Claude d'Abbeville

Quando partiram para a conquista do Maranhão, em 1611, La Ravardière e seu companheiro Rasily não contaram com grande entusiasmo e apoio financeiro da Coroa francesa. Maria de Medicis, então regente, preferiu engajar o reino apenas na expansão do cristianismo, apelando ao Convento dos capuchinhos em Paris para que fomessem alguns frades que acompanhassem a viagem com o objetivo de catequizar os indígenas. Foram indicados Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux, Arsène de Paris e Ambroise d'Amiens. A rainha, certamente pouco inclinada a se indispor com a Espanha disputando terras ibéricas, preferia dar ênfase ao cunho missionário do projeto francês.⁵⁰

Ferdinand Denis, que no século XIX pesquisou nas fontes do

⁴⁷ LÉRY, J. de, *op. cit.*, p. 142-143.

⁴⁸ "As aparições do maravilhoso dão-se, muitas vezes, sem relação com a realidade quotidiana, mas surgem no meio dela. (...) Se bem que subsista o movimento de admiração dos olhos que se arregalam, a pupila dilata-se cada vez menos e este maravilhoso, conservando embora o seu caráter vivo de imprevisibilidade, não parece particularmente extraordinário." LE GOFF, J. *O imaginário medieval*, *op. cit.*, p. 67-69.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 48.

Convento da rue Saint-Honoré em Paris, descreveu a reação ao pedido de Maria de Medicis destacando o grande entusiasmo dos religiosos que tinham a pregação e a divulgação do evangelho como sua principal missão.⁵¹ A estada de Claude d'Abbeville, embora curta, deu origem a um relato muito detalhado da região maranhense onde se instalaram os franceses. Provavelmente utilizou-se de informações recolhidas com intérpretes que já viviam há mais tempo entre os índios, o que era comum na época.⁵² O texto deixa muito clara sua condição de missionário, com inúmeros *exempla* que ilustram, do mesmo modo como havia sido hábito na Idade Média, os riscos para aqueles que viessem a cair em pecado. Jacques Le Goff, que estudou detalhadamente o uso dos *exempla*, define-os como sendo narrativas breves, utilizadas no período medieval, semelhantes a pequenos contos ou fábulas, mas de conteúdo persuasivo, cujo caráter de "exortação" visava a convencer os ouvintes com uma "lição salutar".⁵³ O episódio narrado deveria ser plausível e ter ocorrido no tempo recente, próximo ao narrador.⁵⁴ Abbeville, em seu relato, faz uso desta técnica dos *exempla* com a habilidade da sua condição de pregador, o que é bastante evidente na passagem que segue, e que se refere a um pequeno índio de quatro anos que agonizava:

*Já o considerava morto sua mãe, e o chorava. Perguntou-lhe o Pai [padre] se ela queria que o filho fôsse batizado, a fim que se salvasse pelo menos a alma. Respondeu ela que sim e que lhe suplicava mesmo insistentemente fazê-lo. Imediatamente batizou-o o Pai, e apenas realizado o ato recobrou a palavra o pequeno; e também a saúde, tão perfeita, como nunca tivera. Isso causou grande admiração aos índios, (...) e aumentou entre os índios o desejo de serem batizados. Tais são os efeitos dos sacramentos; têm o poder de dar vida à alma e também, querendo-o Deus, saúde ao corpo. Assim é que Constantino se viu milagrosamente curado da lepra que tinha no corpo, ao mesmo tempo que o era da lepra espiritual que tinha na alma, e isso por meio do santo sacramento do batismo.*⁵⁵

⁵⁰ Sobre o assunto, ver BONNICHON, Ph. *Des cannibales aux castors : les découvertes françaises de l'Amérique*. Paris: France-Empire, 1994, p. 132.

⁵¹ DINIZ, F., Introdução. In: ÈVREUX, L. d'. *Viagem ao Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1929, p. 23. (Publicado conforme a seguinte edição: *Continuação das coisas mais Memoráveis havidas em Maranhão nos annos de 1613 a 1614*. São Luiz, Governo do Estado do Maranhão, 1874).

⁵² Também entre os franceses havia a prática de colher informações sobre as novas terras junto a informantes que, por razões diversas – entre elas naufrágios ou instalação deliberada – vivessem entre os índios. Janaína Amado analisa, em relação aos portugueses, o uso de intermediários que, expondo-se ao risco dos primeiros contatos, irão fornecer informações preciosas à Coroa. Sobre o assunto, ver AMADO, J. "La séduction de l'autre : premiers intermédiaires de l'Empire portugais" In: QUEIRÓS MATTOSO, K. de, MUIZART, I. e ROLLAND, D. (org.) *Naissance du Brésil Moderne (1500-1808)*. Civilisations 22. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998, p. 237-248. Os franceses não perderam também a oportunidade de receber informações, tanto nas regiões onde chegaram a se instalar, quanto de outras partes do território.

⁵³ LE GOFF, J. *O imaginário medieval*, op. cit., p. 123.

Nos séculos XVI e XVII mantém-se ainda viva nas mentalidades coletivas, como uma presença forte e constante, a imagem do diabo. Claude d'Abbeville, como pregador, não passa evidentemente ao largo do tema e descreve com detalhes as artimanhas de Satanás para desviar os homens do bom caminho. Já no início de seu relato, referindo-se a alguns problemas enfrentados antes da partida da França e que atrasaram a saída da expedição, afirma que:

*(...) os grandes empreendimentos são de ordinário dificultados por perigosos embaraços, e o Diabo, prevendo a próxima ruína de seu reinado e a expansão da religião de Jesus Cristo, o que mais do que tudo receava, não cessou de perseguir-nos [...]*⁵⁶

Mais adiante, ao descrever a agonia e a morte de um jovem índio que foi levado do Maranhão para a França, Abbeville acusa também o diabo de tê-lo tentado a não receber o batismo, quando este seria o seu verdadeiro desejo.⁵⁷ É importante destacar, também, como foi visto na passagem relativa à viagem ao Brasil, que satanás tentava não apenas os índios, mas igualmente os europeus. As ações consideradas por Abbeville como contrárias ao comportamento cristão não se constituíam, assim, em algo característico dos indígenas mas em comportamentos inseridos num contexto de luta entre o Bem e o Mal.

As imagens fortes faziam parte da bagagem dos missionários e eram especialmente adotadas pelos frades pregadores das ordens menores. A veemência das pregações franciscanas era conhecida desde a Idade Média e os capuchinhos, um ramo mais recente desta ordem, também se destacaram ao utilizar recursos de grande apelo popular.⁵⁸ Claude d'Abbeville se refere aos peixes voadores que observou na altura dos trópicos, durante a viagem de travessia da França ao Maranhão:

*Não sei se devo comparar êsses peixes à alma do mundano ou à do justo, pois é o verdadeiro símbolo de ambas. Claro está que se assemelha perfeitamente à do mundano dado a tôda espécie de vícios e disso fazendo alarde. Mergulhado no mar dos prazeres, delícias e volúpias, feito de riqueza, de gulodice e de libertinagem, nunca se sente tranqüillo, mas continuamente desconfiado, temeroso, angustiado, empanturrado de remorsos pungentes, dos quais procura libertar-se elevando-se até Deus, mas aos quais logo se vê reconduzido pelo Diabo.*⁵⁹

⁵⁴ *Ibidem*, p. 125.

⁵⁵ ABBEVILLE, C. d'. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo / Belo Horizonte: usp / Itatiaia, 1975, p. 119.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 26.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 272.

⁵⁸ Ver VAUGHAN, A. "São Francisco de Assis" In BUKHOZ, J. (org.) *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996, p. 243-262.

⁵⁹ ABBEVILLE, C. d', *op. cit.*, p. 33.

No relato, a comparação dos peixes que saltam para fora do mar e nele voltam a mergulhar, com a alma do homem mundano, que mergulhava também nos vícios, é deliberadamente exagerada, buscando fixar uma imagem forte e assustadora.

Conclusão

O discurso dos viajantes dos séculos XVI e XVII estava repleto de referências a um imaginário ancorado na Idade Média. André Thevet e Jean de Léry povoaram seus textos de maravilhas e de animais fantásticos. O fascínio pela natureza exuberante, pela fartura, pelo tamanho da floresta e da fauna reavivava a lembrança de mitos e utopias como a da Cocanha, país de abundância e liberdade.

No relato de Abbeville era dada ênfase a um sobrenatural exacerbado e bastante próximo ao ideal cruzadístico que já não tinha mais o Oriente como horizonte. O missionário levou em sua bagagem cultural para o Maranhão a habilidade do uso dos *exempla*, instrumento essencial de catequese que, por sua eficácia, continuava a ser utilizado pelos pregadores seiscentistas. Mas, ainda que bastante distanciado da modernidade, foi justamente este arcabouço mental capaz de aceitar o maravilhoso que permitiu aos viajantes uma abertura do olhar para descrever o Outro – abertura esta muito distinta daquela que, no século XVIII irá caracterizar a visão iluminista do Brasil.

Com o maior desenvolvimento da ciência no setecentos e com a larga difusão, na França, da História Natural, especialmente através da obra de Buffon, o não-europeu passará a ser classificado, catalogado a partir de parâmetros ditados pela razão o que, no entanto, não se constituirá em garantia de maior tolerância para com a diversidade do mundo.